

# GAZETA DO POVO

AGÊNCIA O GLOBO  
miriamleitao@oglobo.com.br



**MÍRIAM LEITÃO**

## Voltar a crescer

**O** Brasil enfrenta o maior desafio de sua história para voltar a crescer. Na última recessão deste tamanho, a provocada pelo Plano Collor, foi possível encontrar impulsos à retomada no governo Itamar com a ajuda do Plano Real. Desta vez, a dificuldade é identificar de onde poderá vir o impulso para o crescimento. Os governos do PT fizeram escolhas erradas no ciclo de alta do PIB.

Ontem, o Boletim Focus reduziu pela nona semana seguida a projeção de crescimento do PIB de 2017, para 0,58%. Depois de dois anos de forte recessão, o normal seria um período de recuperação mais forte, mas isso não vai acontecer.

Na década passada, o país cresceu no modelo de aumento do endividamento e exportações das matérias-primas. O Brasil sempre será grande exportador de commodities, mas as fases de maior demanda internacional poderiam ter sido aproveitadas para integração nas cadeias mundiais de produção. Agora será mais difícil. Famílias estão reduzindo dívidas e isso está contraindo o volume de crédito na economia, mas é a única forma de ajuste do

orçamento familiar. A taxa de poupança é muito baixa, há grande ociosidade nas empresas, e o consumo está fraco por causa das dívidas e do desemprego. O investimento bate em algumas travas: o governo está em crise fiscal, as empresas estão endividadas ou paralisadas pelos casos de corrupção. O modelo de estímulo através do subsídio e incentivos fiscais não pode mais ser o caminho. O agronegócio será fonte de boa notícia. Terá um bom ano em 2017. A indústria enfrenta os problemas de sempre. Crédito caro, impostos elevados, excesso de burocracia e infraestrutura deficiente. Os serviços são afetados pelo desemprego e redução da renda.

O economista-chefe da Verde Asset, Daniel Leichsenring, lembra que o país fez muitos investimentos nos últimos anos que aumentaram a dívida mas não vão gerar riqueza. Na área de petróleo, o Comperj, no Rio de Janeiro, e a refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, são exemplos.

"Existe um custo muito grande dessas obras que não geram retorno porque as empresas se endividaram para financiar os projetos. Mas eles não geram caixa, a desalavancagem é lenta, e isso reduz a capacidade de

### Os pontos-chave

- Brasil enfrenta o maior desafio de sua história para voltar a crescer de forma sustentada
- Ainda não está claro quais setores da economia vão impulsionar um novo ciclo de alta do PIB
- Medidas do governo ajudam, mas não resolvem a baixa capacidade de crescer da economia

investimento", disse.

A Verde Asset acredita que o crescimento do país será muito baixo nos próximos anos. Isso elevará ainda mais o endividamento público, realimentando o círculo vicioso da economia. Quanto maior a dívida, maior o gasto com juros, e maior terá que ser o esforço fiscal para o governo honrar seus compromissos.

Há ainda vários problemas setoriais. A área energética enfrenta grandes dificuldades ainda por aquela intervenção do governo Dilma que descapitalizou as empresas. Elas estão sem caixa para investir. O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Salles, diz que o país teria falta de energia se não estivesse em recessão. Na área de transmissão, ficaram constantes nos últimos anos os chamados leilões com "lotes vazios", quando os projetos não recebem propostas. Mudanças na regulação e na forma de financiar permitiram um último leilão de sucesso, mas os fracassos foram constantes.

"Foram 10 lotes vazios em 2013; 12 em 2014; 15 em 2015; e 10 em 2016. Nos nove anteriores a 2012, antes da MP 579, houve apenas 7 lotes vazios. O governo já entendeu o problema e melhorou as condições para os investidores, mas o atraso é grande",

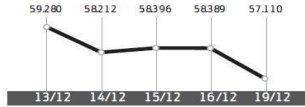
afirmou Salles.

A transmissão virou um gargalo. As novas fronteiras de geração estão distantes dos grandes centros de consumo, como as hidrelétricas na Amazônia e os parques eólicos do Nordeste. Segundo o Acende Brasil, 69% da expansão da oferta de energia estará na região Norte e Nordeste, mas apenas 32% do aumento do consumo estará nessas duas regiões. Já o Sudeste terá crescimento previsto de demanda de 51% do total do país, enquanto a geração na área será de apenas 20%. Isso requer cada vez mais investimentos. A burocracia e a descentralização das decisões — que precisam passar por vários órgãos — atrasam o processo e aumentam o custo e o risco dos empreendimentos.

A saída da recessão será gradual porque será preciso corrigir falhas e encontrar caminhos novos para estimular o PIB que não repitam os erros do governo anterior. As medidas que estão sendo anunciadas ajudam, mas não resolvem o problema da baixa capacidade de crescer da economia. Há ainda, e sobretudo, a grave crise política aumentando a incerteza.

Com Alvaro Gribel (de São Paulo)

## \* INDICADORES FINANCEIROS

POUPANÇA			TR / TBF			BOVESPA			Ações			INSS		
Dia	Antiga*	Nova**	Dia	TR	TBF	BOLSAS			Var.			Assalariados		
16/12	0,7003%	0,7003%	16/11	0,1993%	1,0310%	Máxima de +0,36% : 58.600 pontos			Itau Unibanco PN	-2,7%	31,01	Até 1.556,94		
17/12	0,6934%	0,6934%	17/11	0,1924%	1,0140%	Pontos: 57.110,99			Petrobras PN	-2,71%	14,36	1.556,95 a 2.594,92		
18/12	0,6917%	0,6917%	18/11	0,1907%	1,0123%	Mínima de -2,19% : 57.109 pontos			Bradesco PN	-2,19%	26,80	2.594,93 a 5.189,82		
19/12	0,6837%	0,6837%	19/11	0,1830%	0,9542%	Variação em 2016: 31,75%			Ambev ON	-2,28%	16,30	Indivíduos e facultativos		
20/12	0,6815%	0,6815%	20/11	0,1806%	1,0021%	Volume: 11,43 bilhões			Petrobras ON	-3,19%	16,67	880,00		
21/12	0,7088%	0,7088%	21/11	0,2078%	1,0395%				Vale PNA	-6,33%	22,79	880,00		
22/12	0,7095%	0,7095%	22/11	0,2085%	1,0402%				BRF SA ON	-3,1%	46,33	880,00 a 5.189,82		
23/12	0,6980%	0,6980%	23/11	0,1970%	1,0286%				Vale ON	-6,13%	26,05			
24/12	0,6882%	0,6882%	24/11	0,1873%	1,0088%				Itausua PN	-1,75%	7,88			
25/12	0,6699%	0,6699%	25/11	0,1691%	0,9805%				Cielo ON	-2,23%	25,90			
26/12	0,6251%	0,6251%	26/11	0,1245%	0,9255%				JBS ON	-0,9%	11,07			
27/12	0,6615%	0,6615%	27/11	0,1607%	0,9720%				Global 40	-0,73%	889,219			
28/12	0,6890%	0,6890%	28/11	0,1881%	1,0096%									
29/12	-----	-----	29/11	0,2052%	1,0083%									
30/12	-----	-----	30/11	0,1856%	1,0171%									
01/01	0,6858%	0,6858%	01/12	0,1849%	1,0164%									
02/01	0,6922%	0,6922%	02/12	0,1912%	1,0128%									
03/01	0,6732%	0,6732%	03/12	0,1723%	0,9937%									
04/01	0,7106%	0,7106%	04/12	0,2096%	1,0413%									
05/01	0,7271%	0,7271%	05/12	0,2260%	1,0679%									
06/01	0,7112%	0,7112%	06/12	0,2101%	1,0519%									
07/01	0,7085%	0,7085%	07/12	0,2075%	1,0392%									
08/01	0,6880%	0,6880%	08/12	0,1871%	1,0086%									
09/01	0,6666%	0,6666%	09/12	0,1658%	0,9872%									
10/01	0,6766%	0,6766%	10/12	0,1757%	0,9971%									
11/01	0,7141%	0,7141%	11/12	0,2130%	1,0448%									
12/01	0,7526%	0,7526%	12/12	0,2513%	1,1034%									
13/01	0,7150%	0,7150%	13/12	0,2139%	1,0577%									
14/01	0,7150%	0,7150%	14/12	0,2139%	1,0577%									
15/01	0,6784%	0,6784%	15/12	0,1775%	0,9990%									
16/01	0,6680%	0,6680%	16/12	0,1672%	0,9786%									

ÍNDICES DE INFLAÇÃO				SALÁRIO MÍNIMO				
	Set	Out	Nov	No ano	12 meses	Grupo	Descrição	Valor (R\$)
INPC (IBGE)	0,08%	0,17%	0,07%	6,43%	7,39%	PR 1	Agricultura	1.148,40
IPCA (IBGE)	0,08%	0,26%	0,18%	5,97%	6,99%	PR 2	Serviços (adm., domést., vendas...)	1.190,20
IGP-M (FGV)	0,20%	0,16%	-0,03%	6,60%	7,12%	PR 3	Produção de bens e serv. industriais	1.234,20
IPC-DI (FGV)	0,07%	0,34%	0,17%	5,83%	6,76%	PR 4	Técnicos de nível médio	1.326,60
INCC-DI (FGV)	0,33%	0,36%	0,16%	5,76%	5,87%	BR	Nacional	880,00

IR				OURO			
Base (R\$)	Alq. (%)	A deduzir		Ouro (onça-troy = 31,1035g)			
Até 1.903,98	isento	-		Cotação			
De 1.903,99 a 2.826,65	7,5	142,80		Variação			
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80		Ouro BM&F (à vista)			
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13		Cotação			
Acima de 4.664,68	27,5	869,36		Variação			

### CÂMBIO

DÓLAR COMERCIAL		DÓLAR TURISMO		DÓLAR PARALELO		EURO		EURO TURISMO		PTAX (Banco Central)	
Variação na semana: +1,38%		Variação na semana: +1,15%		Variação na semana: +1,43%		Variação na semana: -0,54%		Variação na semana: -1,00%		Variação na semana: +1,29%	
R\$	compra	R\$	compra	R\$	compra	R\$	compra	R\$	compra	R\$	compra
19/12	3,371	3,372	19/12	3,343	3,523	19/12	3,45	3,513	19/12	3,463	3,673
16/12	3,388	3,389	16/12	3,353	3,540	16/12	3,47	3,541	16/12	3,493	3,710
15/12	3,369	3,370	15/12	3,307	3,520	15/12	3,45	3,511	15/12	3,443	3,677
14/12	3,361	3,362	14/12	3,330	3,490	14/12	3,42	3,552	14/12	3,450	3,703
13/12	3,325	3,326	13/12	3,297	3,483	13/12	3,40	3,532	13/12	3,460	3,710

\* dep. até 03/05/12 \*\* a partir de 04/05/12

O Brasil enfrenta o maior desafio de sua história para voltar a crescer. Na última recessão deste tamanho, a provocada pelo Plano Collor, foi possível encontrar impulsos à retomada no governo Itamar com a ajuda do Plano Real. Desta vez, a dificuldade é identificar de onde poderá vir o impulso para o crescimento. Os governos do PT fizeram escolhas erradas no ciclo de alta do PIB.

O ntem, o Boletim Focus reduziu pela nona semana seguida a projeção de crescimento do PIB de 2017, para 0,58%. Depois de dois anos de forte recessão, o normal seria um período de recuperação mais forte, mas isso não vai acontecer.

Na década passada, o país cresceu no modelo de aumento do endividamento e exportações das matérias-primas. O Brasil sempre será grande exportador de commodities, mas as fases de maior demanda internacional poderiam ter sido aproveitadas para integração nas cadeias mundiais de produção. Agora será mais difícil. Famílias estão reduzindo dívidas e isso está contraindo o volume de crédito na economia, mas é a única forma de ajuste do orçamento familiar.

A taxa de poupança é muito baixa, há grande ociosidade nas empresas, e o consumo está fraco por causa das dívidas e do desemprego. O investimento bate em algumas travas: o governo está em crise fiscal, as empresas estão endividadas ou paralisadas pelos casos de corrupção. O modelo de estímulo através do subsídio e incentivos fiscais não pode mais ser o caminho.

O agronegócio será fonte de boa notícia. Terá um bom ano em 2017. A indústria enfrenta os problemas de sempre. Crédito caro, impostos elevados, excesso de burocracia e infraestrutura deficiente. Os serviços são afetados pelo desemprego e redução da renda.

O economista-chefe da Verde Asset, Daniel Leichsenring, lembra que o país fez muitos investimentos nos últimos anos que aumentaram a dívida mas não vão gerar riqueza. Na área de petróleo, o Comperj, no Rio de Janeiro, e a refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, são exemplos.

- Existe um custo muito grande dessas obras que não geram retorno porque as empresas se endividaram para financiar os projetos. Mas eles não geram caixa, a desalavancagem é lenta, e isso reduz a capacidade de investimento - disse.

A Verde Asset acredita que o crescimento do país será muito baixo nos próximos anos. Isso elevará ainda mais o endividamento público, realimentando o círculo vicioso da economia. Quanto maior a dívida, maior o gasto com juros, e maior terá que ser o esforço fiscal para o governo honrar seus compromissos.

Há ainda vários problemas setoriais. A área energética enfrenta grandes dificuldades ainda por aquela intervenção do governo Dilma que descapitalizou as empresas. Elas estão sem caixa para investir. O presidente do Instituto Acende Brasil, Claudio Sales, diz que o país teria falta de energia se não estivesse em recessão. Na área de transmissão, ficaram constantes nos últimos anos os chamados leilões com "lotes vazios", quando os projetos não recebem propostas. Mudanças na regulação e na forma de financiar permitiram um último leilão de sucesso, mas os fracassos foram constantes.

- Foram 10 lotes vazios em 2013; 12 em 2014; 15 em 2015; e 10 em 2016. Nos nove anteriores a 2012, antes da MP 579, houve apenas 7 lotes vazios. O governo já entendeu o problema e melhorou as condições para os investidores, mas o atraso é grande - afirmou Sales.

A transmissão virou um gargalo. As novas fronteiras de geração estão distantes dos grandes centros de consumo, como as hidrelétricas na Amazônia e os parques eólicos do Nordeste. Segundo o Acende Brasil, 69% da expansão da oferta de energia estará nas regiões Norte e Nordeste, mas apenas 32% do aumento do consumo estará nessas duas regiões. Já o Sudeste terá crescimento previsto de demanda de 51% do total do país, enquanto a geração na área será de apenas 20%. Isso requer cada vez mais investimentos. A burocracia e a descentralização das decisões - que precisam passar por vários órgãos - atrasam o processo e aumentam o custo e o risco dos empreendimentos.

A saída da recessão será gradual porque será preciso corrigir falhas e encontrar caminhos novos para estimular o PIB que não repitam os erros do governo anterior. As medidas que estão sendo anunciadas ajudam, mas não resolvem o problema da baixa capacidade de crescer da economia. Há ainda, e sobretudo, a grave crise política aumentando a incerteza.